

A menina e o violino 

Maurício Ramos

A menina e o violino 

CLUBE DE AUTORES

© Copyright 2012 por Maurício Ramos

Publicado por Clube de Autores

Revisão: Clube de Autores

Capa: Maurício Ramos

Imagem interna: Marina O. Ramos

Diagramação: Maurício Ramos

1ª edição: Junho de 2012

Ramos, Maurício.

A menina e o violino / Maurício Ramos

Clube de Autores, 2012.

1. Menina – Violino

2. Romance – Espiritualidade

I. Ramos, Maurício II. Título.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida, por qualquer forma ou meio, seja ele mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc, sem expressa autorização (Lei nº 5.988, de 14/12/1973)

Editora Clube de Autores

Autor: Maurício Ramos

http://www.facebook.com/LivroAMeninaeoViolino

http://blogespelhodaalma.blogspot.com.br/

Dedicatória

Este livro é dedicado a minha amada esposa e filhos, que com muito amor e paciência sempre incentivaram e contribuiram sobremaneira para a realização deste sonho.

À minha querida mãe por nutrir em mim o gosto pela boa leitura e o prazer pela escrita, incentivando o aprimoramento por meio do conhecimento.

Maurício Ramos

Índice

I	Doce despertar	15
II	A pequena Dirce	21
III	Um dia de agonia	28
IV	Desespero	36
V	Encontro inesperado	43
VI	A casa do porão habitável	52
VII	Garimpando a rua	60
VIII	Sonhos reparadores	68
IX	A construção de um sonho	76
X	Imprevistos no trabalho	83
XI	Natal em família	92
XII	Helena	103
XIII	A preocupação de Toninho	114
XIV	A despedida	124
XV	A busca de Helena	134
XVI	Retorno às origens	144
XVII	Manhã de angústia	153
XVIII	Dor e aconchego	162
XIX	Novas possibilidades	171
XX	A passagem	180
XXI	Novos rumos	187
XXII	Reencontro de amor	196

Agradecimentos

A todos os meus familiares que me incentivaram na realização desta obra, em especial a minha querida esposa e filhos que compartilharam de todos os momentos de criação.

À vida por permitir que nesta jornada fosse eu agraciado com a possibilidade de poder expor minhas idéias através da escrita, dividindo com o próximo meus sentimentos e sensações.

E a todos os que ao lerem esta obra possam apreciar a narrativa e envolver-se com a história nela apresentada.

Capítulo I

Doce despertar

Fazia frio naquela manhã de outono, quando pouco a pouco o despertar acontecia embalado por suave melodia.

Ainda com seus olhinhos preguiçosos a pequena menina frágil e delicada ia se desvencilhando das cobertas que a protegiam do frio da manhã.

Era sábado, e seus aguçados ouvidos captavam a doce melodia que vinha da extremidade do quarto em que dormira. Sentado em uma cadeira, empunhando de forma majestosa seu velho violino, ela podia observar a sombra esguia de seu pai, tocando aquele instrumento como se sua própria alma se esvaísse pelas finas cordas, emanando uma mistura de alegria e angústia, através de sua música, algumas vezes entrecortada pelo som incômodo de uma tosse insistente e perturbadora que lhe acometia já a algum tempo.

Como era bom escutar seu pai tocar, pensava ela, ainda relutante em levantar-se para evitar que ele parasse seu pequeno concerto, afinal, ele acontecia apenas aos fins de semana, quando seu pai não estava no trabalho e dispunha de maior tempo para realizar uma das poucas coisas que realmente tinha prazer em fazer, além de ficar com sua família, tocar seu violino.

Com o instrumento apoiado em seu ombro, bem próximo ao seu queixo, ele deixava o arco deslizar de forma suave, produzindo belas melodias, não que ele houvesse se preparado com aulas de música ou coisa semelhante, mas a habilidade de aprender apenas ouvindo era um dom que ele sabia muito bem desfrutar, "tocar de ouvido", era assim que ele em sua simplicidade justificava a qualidade musical que possuía.

Ao perceber que sua pequena filha havia acordado, Mário parou de tocar por um instante, levantou-se e caminhou até próximo de sua cama.

- Bom dia, querida - disse ele carinhosamente à pequena Dirce, que acabrunhada em meio às cobertas, lhe abriu um sorriso terno e meigo.

- Bom dia, papai - respondeu-lhe.

- Não pare de tocar, estava gostando muito desta música - pediu-lhe então.

- Desculpe querida, não queria acordá-la, esta música que estava tocando, chama-se *"Primavera de Vivaldi"*.

- Ela é linda! Toque mais um pouco papai, adoro ouví-lo.
Com um sorriso no rosto, seu pai aconchegou-se ao seu lado na cama, afastou um travesseiro e ajeitou-se para melhor empunhar seu precioso violino para continuar sua exibição a um público muito especial, sua querida filhinha.

***

O ano era 1932, marcado por grandes dificuldades financeiras e clima de revolta e ameaças de todas as espécies.
A pequena Dirce tinha apenas seis anos de idade, e morava com seus pais Mário e Ana Maria em uma pequena vila de casas, na verdade mais parecia com um cortiço, pois era um quintal com um único portãozinho de acesso para um terreno onde havia construídos ao lado esquerdo três tanques coletivos para lavar roupas, seguidos de duas cozinhas externas e dois banheiros.
No fundo do quintal, dois modestos quartos concluíam a obra, e em um destes quartos é que morava sua família, dividindo o terreno com uma família de descendentes de portugueses.
A cidade de São Paulo nos meados dos anos trinta era uma cidade acolhedora, porém repleta de dificuldades para conseguir-se um emprego, ou até mesmo uma moradia mais digna para as famílias menos afortunadas.

A opção encontrada então por Mário, um humilde descendente de italianos, foi o aluguel deste pequeno quarto para aconchegar sua esposa e sua pequena filhinha, afinal os parcos recursos que possuía com seu trabalho como serralheiro artístico em uma pequena empresa da capital, não lhe possibilitariam aspirar por algo mais adequado à acomodação de sua família.

A insegurança apresentada na época para os moradores da capital paulista era enorme, o período era marcado por grandes manifestações de estudantes e conflitos com a polícia.

Neste clima hostil e inseguro é que Mário buscava através de seu trabalho o sustento de sua família.

Ele era de constituição física fragilizada, muito magro e aparentando bem mais que seus trinta e poucos anos de idade, muito em parte pela calvície avançada que lhe cobria boa parte da cabeça, e pela fisionomia quase sempre cansada.

Estava sempre vestido com seus dois únicos ternos de cor azul marinho, por cima de uma camiseta branca e suspensórios, na saída para o trabalho o seu chapéu panamá marrom escuro era de uso obrigatório.

Filho de italianos mudou-se para o Brasil ainda muito jovem, e admirador da arte em todas as suas expressões, iniciou seu trabalho como serralheiro artístico, onde sua atividade consistia em moldar belas luminárias e artigos em

metal para enfeitarem os prédios suntuosos da época, entre eles um em que participara ativamente, particularmente lhe enchia de orgulho, uma estátua de um dragão totalmente feita em metal, que adornaria de maneira única, o prédio do Palácio das Indústrias, localizado na região do Parque Dom Pedro, em São Paulo.

Apesar de seu grande talento, e de seu imenso esforço diário para conseguir angariar horas extras de trabalho, buscando aumentar sua renda ao final do mês, Mário enfrentava grandes dificuldades financeiras, e a labuta diária lhe cansava de forma atroz, tanto física como mentalmente.

Sua saúde já não era mais a mesma de outrora, e sua preocupação aumentava a cada dia.

- Como poderei suprir as necessidades de minha casa, cuidar de minha esposa e de minha filhinha querida, se me sinto cada vez mais exausto? - este era um pensamento que lhe ocorria diariamente, pois se com ele trabalhando a vida não era nada fácil para aquela pobre família, como poderiam sobreviver caso até isto um dia fosse-lhes negado?

Ele sabia muito bem o que era isso, afinal estava cada dia mais difícil encontrar e manter um emprego, ele havia sentido na pele recentemente a dificuldade de estar desempregado, com uma família a sustentar e tão poucas oportunidades de recomeçar.

Pai extremamente devotado e carinhoso, marido amável e atencioso, Mário carregava em sua alma a essência da arte, arte esta que a vida privou-lhe de poder desfrutar como gostaria, mas que sua dedicação e amor, jamais permitiram que lhe afastassem de sua presença.

Seu bem mais valioso era seu velho companheiro nas horas de alegria e nos momentos de angústia, seu inestimável violino, com o qual extravasava seus sentimentos mais íntimos.

Este bem tão valioso foi herdado de seu querido pai, que como amante da boa música, era exímio violinista e após sua morte, deixou como herança a seu único filho o bem maior que possuíra, seu inestimável violino.

Por quantas vezes, em meio às aflições de sua existência, não foi por intermédio deste querido amigo, que sua mágoa foi desfeita, e sua alegria, embora tênue como o fio de uma navalha, voltava a preencher sua vida.

Era com maestria ímpar, que com seus dedos finos e calejados, suas mãos por vezes trêmulas pelo cansaço, dominavam de forma angelical tão sublime instrumento, e dele era capaz de extrair melodias dignas de grandes mestres como Vivaldi e Paganini.